

INTRODUÇÃO

Imprensa, pólvora e bússola – estas três coisas mudaram completamente a face e o estado das coisas em todo o mundo.

Francis Bacon, *Novum Organum* (1620)

Certa noite, em finais de 1999, estava em casa a ver as notícias na televisão. Depois de ter relatado as principais histórias do dia, a jornalista começou a apresentar um resumo do que, pensava, seriam os acontecimentos dos últimos doze meses, como é costume nas noites do fim de dezembro. Naquele ano, porém, a apresentadora começou a passar em revista todo o século xx, principiando do seguinte modo: «Ao chegarmos ao fim do século que assistiu a *mais mudança do que qualquer outro...*». Estas palavras ficaram-me na cabeça e pus-me a pensar nelas. Que é que sabemos, realmente, sobre a mudança? – perguntei a mim mesmo. Que faz esta apresentadora sentir-se tão confiante ao afirmar que o século xx assistiu a mais mudança do que, digamos, o século xix, altura em que o caminho de ferro transformou o mundo? Ou o século xvi, quando Copérnico sugeriu que a Terra girava em torno do Sol e Lutero partiu a cristandade em duas? O ecrã encheu-se rapidamente de filmes a preto e branco, nuvens em forma de cogumelo, foguetões espaciais, carros e computadores. A afirmação da apresentadora de que o século xx assistira a mais mudança do que qualquer outro assentava claramente no pressuposto de que «mudança» era sinónimo de desenvolvimento tecnológico – e de que as inovações do século xx não tinham paralelo.

Nos anos que passaram desde esse dia, falei com muita gente acerca de «mudança». Quando se lhes pergunta «qual o século que

assistiu a maiores mudanças», quase todos concordam com a apresentadora: decerto que foi o século xx. Algumas pessoas até se riem perante a possibilidade de eu sequer equacionar a hipótese de ser outro. Quando insisto para que justifiquem a sua opinião, geralmente respondem apontando uma ou mais de cinco invenções do século xx: o voo, a bomba atómica, a alunagem, a Internet e o telemóvel. Parece acreditar que essas proezas modernas relegam para segundo plano tudo o que as precedeu e que, em comparação, a mudança dos séculos anteriores quase não foi perceptível. Parece-me uma ilusão esta noção de que as proezas contemporâneas representam as transformações mais significativas e que a pré-modernidade foi relativamente estática. O simples facto de um certo progresso ter atingido o seu apogeu no século xx não significa que tenha sido nesse tempo que a mudança foi mais rápida. A ilusão é reforçada pelo instinto de dar prioridade a acontecimentos que testemunhámos com os nossos olhos, seja pessoalmente ou pela televisão, relativamente a eventos de que não há testemunhas vivas.

São uma pequena minoria as pessoas que veem imediatamente o potencial de outros séculos. Geralmente, isso acontece quando têm uma especialidade que as torna particularmente conscientes das consequências de um desenvolvimento tecnológico anterior, seja ele o estribo, o arado puxado por cavalos, a prensa tipográfica ou o telégrafo. Não contei, mas penso que seria uma aproximação justa dizer que em resposta à pergunta «Que século assistiu a maiores mudanças?», 95 por cento das pessoas disseram «o século xx» por motivos tecnológicos; dos restantes, a maioria sugeriu um século anterior por uma razão tecnológica diferente; e apenas um punhado de indivíduos referiu um acontecimento de natureza não tecnológica anterior a 1900, como o Renascimento ou a campanha pelos direitos das mulheres. Tanto quanto me lembro, nunca ninguém sugeriu um século anterior ao ano 1000, embora fosse possível defender o século v, que assistiu ao colapso da metade ocidental do Império Romano.

Algumas pessoas respondem com uma pergunta: «Que quer dizer com *mudança*?» À primeira vista, é uma resposta óbvia. Mas é também uma resposta curiosa. Todos sabem o que é mudança: uma alteração de estado. No entanto, quando se pede

que identifiquem o século que assistiu à maior mudança, as pessoas parecem perder a noção do significado da palavra. A experiência humana num longo período de tempo tem um âmbito demasiado grande para que pensemos na infinidade de mudanças que integra; no seu conjunto, os diferentes fatores são incomensuráveis. Podemos calcular certas alterações específicas ao longo dos séculos – esperança de vida à nascença, taxas reprodutivas, longevidade, altura, ingestão calórica *per capita*, salários médios dos trabalhadores – e relativamente a uma grande parte dos últimos mil anos podemos medir coisas como a frequência das igrejas, níveis de violência, riqueza relativa e alfabetização; mas para medir qualquer destas coisas com precisão é preciso isolá-la de todos os outros aspetos da nossa vida. Não é possível medir diferenças entre modos de vida. Seria como medir o amor.

Na verdade, é consideravelmente mais difícil. Pelo menos, ao amor pode aplicar-se uma escala que vá, digamos, desde pensar em enviar um cartão de Dia dos Namorados até ao lançamento à água de mil navios para reconquistar a amada. Os estilos de vida não são passíveis de ser comparados numa escala. A qualquer mudança quantificável que se pudesse considerar mais significativa poderia opor-se outra mudança quantificável. Por exemplo, o século xx assistiu, sem dúvida, ao maior crescimento da esperança de vida à nascença: aumentou mais de 60 por cento na maioria dos países europeus. Mas a isso poderia contrapor-se que houve homens e mulheres que duraram o mesmo em séculos anteriores. Mesmo na Idade Média, alguns homens e mulheres viveram até aos 90 anos ou mais. São Gilberto de Sempringham morreu em 1189 com 106 anos; Sir John de Sully morreu em 1387 com 105 anos. Muito poucas pessoas vivem hoje mais do que isso. É verdade que, em comparação, havia poucos octogenários na Idade Média – 50 por cento dos bebés nem sequer chegavam à idade adulta –, mas em termos da duração máxima de vida *possível* houve poucas alterações ao longo do milénio. Assim que as pessoas tentam encontrar um facto mensurável com o qual responder à questão da «maior mudança», intrometem-se outros factos mensuráveis. Porquê selecionar um em vez de outro? Como mostra o exemplo da esperança de vida por oposição ao potencial de vida, trata-se puramente de uma questão de preferência pessoal.

Isto pode sugerir que a questão não passa de um jogo de salão: uma questão de curiosidade e debate divertido, na linha de «Qual foi o maior rei de Inglaterra?» Porém, na verdade, é um assunto sério. Como tentei mostrar nos meus *Guias do Viajante do Tempo*, compreender a sociedade em diferentes períodos dá-nos uma visão mais profunda da natureza da espécie humana do que as impressões relativamente superficiais que obtemos ao olhar para a forma como vivemos hoje. A história ajuda-nos a ver toda a gama das nossas capacidades e incapacidades enquanto espécie; não é apenas um olhar nostálgico sobre o modo como as coisas eram. Não se pode perspetivar o presente sem olhar para o passado. Só olhando para o século XIV, por exemplo, podemos ver quão resilientes somos face a adversidades tão cataclísmicas como a Peste Negra. Só olhando para acontecimentos como a Segunda Guerra Mundial é que se pode ver como podemos ser inovadores, altamente organizados e produtivos perante uma enorme crise. Da mesma forma, olhar para a história dos governos ocidentais nos últimos cem anos ensina-nos até que ponto somos míopes e presentistas nas democracias ocidentais. São, em que os políticos cedem aos caprichos da sociedade e procuram soluções instantâneas para os nossos problemas. Só os ditadores fazem planos para mil anos. É a história que nos ensina como as nossas próprias sociedades são – e podem voltar a ser – violentas, sexistas e cruéis. Se o estudo da história tem muitos objetos, desde compreender como evoluiu o mundo moderno até aprender como nos divertimos, o propósito mais profundo de todos é revelar algo da natureza da humanidade em todos os seus aspetos.

Este livro é a minha resposta, algo tardia, à pergunta implícita daquela jornalista em dezembro de 1999. Contudo, devo dizer que nesta tentativa de identificar o século que assistiu a mais mudança, defini certos parâmetros. O primeiro é que adoto deliberadamente uma definição de «mudança» ambígua e vaga, de modo a abranger o maior leque de potenciais progressos que possam ser considerados para cada século. Só na Conclusão tento destrinchá-los e graduá-los. O segundo é que apenas trato de dez séculos: o milénio anterior, que vai até ao ano 2000. Com isso não pretendo negar a importância de períodos anteriores, mas sim manter o foco na cultura ocidental. Não queria que este livro se tornasse mais uma

lista de «pontos de viragem» na história mundial. O terceiro é que o livro se debruça sobre a mudança no seio da cultura ocidental, em grande parte produto dos países que constituíram a cristandade na Idade Média. Só alargue este estudo a um contexto mais amplo naqueles séculos em que os próprios herdeiros desse mundo de escrita latina foram para lá dos oceanos. Assim, neste livro, «o Ocidente» não é uma unidade geográfica, mas uma rede cultural em expansão, originalmente centrada nos reinos cristãos da Europa medieval. Obviamente, não pretendo menosprezar culturas medievais fora da Europa – este livro trata da mudança e não de proeminência. Se tivesse considerado a resposta à minha pergunta desde o nascimento do *Homo sapiens* enquanto espécie, a África teria grande destaque. Se a tivesse considerado desde o final da última Era Glaciar, o Médio Oriente teria um papel de maior destaque. Se tivesse tentado cartografar todos os altos e baixos significativos da civilização humana, fatores como o uso de ferramentas, o domínio do fogo, as invenções da roda e do barco e o desenvolvimento de linguagem e religião, tudo teria sido levado em consideração. Mas estas são outras histórias que ultrapassam os parâmetros deste livro.

Embora este livro não seja uma história do mundo inteiro, também não é uma história exaustiva de um conjunto de países ou de uma região. Muitos dos maiores acontecimentos das várias histórias nacionais não figuram aqui ou são referidos de passagem. Embora certas invasões tenham assinalado mudanças significativas ao nível nacional – a conquista normanda da Inglaterra, por exemplo, ou a chegada do *Comodoro Perry*, dos EUA, ao porto de Tóquio, em 1853 –, foram acontecimentos relativamente locais. Elementos geograficamente circunscritos *podem* fazer parte da grande história (por exemplo, o Renascimento italiano e a Revolução Francesa), mas a maior parte é periférica relativamente à questão central. A unificação alemã foi de pouca importância, digamos, para os Portugueses, e a invasão normanda da Inglaterra não teve grande interesse para os Sicilianos, que estavam a braços com a sua própria invasão normanda. Da mesma forma, o crescimento da escravatura na América e nas Caraíbas aparece apenas numa subsecção do capítulo dedicado ao século XVII porque o recrudescimento da escravatura ocorreu na periferia do que era

então o Ocidente. Os Europeus do século xvii eram mais diretamente afetados pelo comércio, menos substancial, de escravos brancos, que viu centenas de milhares de pessoas da Europa Ocidental serem raptadas por piratas da Berberia e vendidas como escravas no norte da África. Mas nem isso afetou tanto a cultura ocidental como as cinco grandes mudanças selecionadas para esse capítulo. O recrudescimento da escravatura, como muitas batalhas nacionais, deveria, sem dúvida, figurar em qualquer história mundial, mas este livro não é isso. É uma síntese de pensamento sobre o desenvolvimento do Ocidente para responder a uma pergunta específica.

Esta concentração na pergunta significa que a certos indivíduos e temas também é dado menos destaque do que normalmente recebem nos livros de história geral. Amigos e colegas perguntaram-me: «Como podes ignorar Leonardo da Vinci?» E «Como podes deixar de fora a música?» Embora Leonardo fosse um homem espantosamente talentoso, as suas especulações tecnológicas quase não tiveram impacto em ninguém durante a sua vida. Muito poucas pessoas leram os seus cadernos de apontamentos ou construíram as suas invenções. O único legado importante foi a sua pintura, mas, francamente, não creio que o modo de vida atual fosse muito diferente se um ou dois pintores renascentistas não tivessem nascido. Se ninguém tivesse pintado retratos, a história era outra, mas a influência de um artista individual é relativamente pequena em comparação com o impacto, digamos, de Lutero ou Copérnico. Quanto à música, é vulgar em todos os países e assim é há mais de mil anos. Instrumentos, melodias e harmonias podem ter mudado de forma e pode-se argumentar que a capacidade de gravar música representa uma transformação profunda, mas a produção de música é uma das grandes constantes na vida humana, mais interessante pela sua universalidade do que pela sua capacidade de alterar a nossa maneira de viver.

Parece evidente que as mudanças mais importantes são aquelas que ultrapassam as fronteiras, o entretenimento e os valores espirituais nacionais. As mais significativas têm um impacto muito para além dos seus próprios campos. Um cientista que *só* afeta outros cientistas é, no contexto deste livro, relativamente inconsequente, do mesmo modo que um historiador que só influencia

as nossas ideias sobre o passado ou um grande filósofo cujas ideias só afetam outros pensadores. Um amigo que sabe muito mais de filosofia achava estranho ler um livro que dá tanta atenção a Voltaire e Rousseau, mas quase não menciona Hume e Kant, que ele considera muito mais importantes. Como reconheceu prontamente, porém, este livro não é uma história da filosofia. Acontece que as mensagens que Voltaire e Rousseau difundiram tiveram um impacto direto no pensamento político do século XVIII. Kant mal é mencionado, pelo mesmo motivo que Mozart pouco aparece: o seu legado não tocou diretamente nenhuma das mudanças-chave dos últimos três séculos. Os revolucionários parisienses de 1789 não invadiram a Bastilha para exigir que a nobreza obedecesse ao «imperativo categórico» de Kant; os seus líderes foram inspirados pelo contrato social de Rousseau.

No decurso da escrita deste livro, deparei-me repetidamente com um problema específico. Muitos dos progressos mais importantes da cultura ocidental não se encaixam perfeitamente dentro das fronteiras de um só século. Assim sendo, devemos considerar o progresso em questão no seu início ou quando teve o seu maior impacto? Datamos uma invenção de quando foi concebida ou de quando se tornou universal? Não há resposta fácil para isto. Por um lado, parece óbvio que uma invenção não transforma o mundo até passar a ser amplamente utilizada. Assim, o motor de combustão interna surge no capítulo dedicado ao século XX e não ao século XIX. Por outro lado, se só se descrever um progresso quando o seu uso se tiver generalizado, ignora-se o seu impacto inicial. A maior parte da população do Ocidente era incapaz de ler antes do século XIX, mas seria um erro grave ignorar os progressos anteriores no ensino, particularmente os dos séculos XIII e XVI. Além disso, se adiarmos a descrição de alguns progressos até que se tornem onnipresentes, eles tendem a acumular-se e a criar a sensação, falsa, de uma onda súbita de mudança num século posterior e uma sensação igualmente artificial de imobilismo no século anterior. Descrever a Revolução Industrial inteiramente como um fenómeno do século XIX, por exemplo, seria menosprezar o significado das transformações industriais do século XVIII. Seria também ignorar a tomada de consciência das pessoas das mudanças tecnológicas que ocorriam ao seu redor, que é bastante anterior ao

momento em que elas próprias começam a usar roupas feitas à máquina. Assim, optei por um certo grau de flexibilidade. Em resposta àquela afirmação da jornalista em 1999, considero mais importante que os leitores compreendam a grande variedade de mudanças que ocorreram ao longo de muitos séculos do que estabelecer regras arbitrárias que acabem por resultar numa deturpação do passado.

Em 2009, fui encarregado de proferir uma palestra para celebrar o 1100.º aniversário da fundação da diocese de Exeter, no sudoeste da Inglaterra. Escolhi como tema a questão central deste livro: qual dos últimos onze séculos assistiu a maiores transformações? Para aquela ocasião, senti necessidade não só de ilustrar as várias mudanças ocorridas desde o ano de 909, mas também de chegar a alguma conclusão. Durante a preparação da palestra, emergiu da investigação um padrão que me levou a pensar que, durante o período em análise, se tinha cruzado um limiar e que isso continuaria a afetar a humanidade para sempre. A conclusão deste livro desenvolveu essa percepção original. Acredito que, se a humanidade sobreviver mais mil anos, a mudança que selecionei como mais profunda será considerada um momento arquetípico da história humana – tão importante como as antigas invenções que formaram a nossa cultura: a língua, a escrita, o fogo, o barco, a roda e a religião.

Repensando a questão nos anos que se seguiram a 2009 e percorrendo corredores ladeados de altas estantes e salas de biblioteca para aprofundar a pesquisa para este livro, senti-me esmagado pela erudição da nossa sociedade e especialmente pela produção dos últimos 60 anos. Ao visitar uma biblioteca, senti-me paralisado pela sensação de nunca poder saber o suficiente para escrever devidamente um livro como este. Vários séculos ameaçavam esmagar-me, elevando-se por cima de mim como sombras enormes. Esbarrei contra uma muralha de livros sobre as Cruzadas e senti-me tão inominável e insignificante como o povo mortalmente atacado pelos invasores nas ruas de Jerusalém em 1099. Entrei numa sala cheia de livros sobre a França do século XVIII e quase desesperei. Qualquer historiador que não mantenha um certo grau de humildade perante tantas fontes está a iludir-se, e quem não admitir a sua própria inaptidão para escrever com

autoridade sobre o passado humano a esta escala é uma fraude. Claro que gostaria muito de saber *tudo*, para dar a resposta mais completa e bem informada possível à questão que levantei, mas a mente humana não é capaz de reter tanta informação. No meu caso, tive a vantagem de trabalhar na área da história inglesa desde a adolescência, primeiro como amador, depois como estudante universitário, arquivista, e finalmente como historiador e escritor profissional. Como foi a história *inglesa* que pesquisei durante trinta anos, há um certo desequilíbrio inevitável, na medida em que a maioria das estatísticas que cito se referem à Inglaterra, mas a seleção que fiz das mudanças não se limitou àquelas que afetaram este país. Selecionei temas que afetaram grande parte ou a totalidade do Ocidente, usando factos e números ingleses que ilustram os aspetos práticos de uma mudança ou para dar uma ideia de proporção. Pareceu-me melhor do que ignorar a minha área de especialização a fim de nivelar o desequilíbrio geográfico.

É bem possível que não concorde com a minha escolha quanto ao século que assistiu à máxima mudança. Pode muito bem ser que continue tenazmente convencido de que nenhuma das guerras, fomes, pragas e revoluções sociais do passado é tão significativa como o uso do telemóvel ou fazer as compras do supermercado pela Internet. Não tem importância. O objetivo deste livro é suscitar uma discussão sobre o que somos e o que fizemos ao longo de mil anos, bem como sobre o que somos capazes de fazer e o que está para além das nossas capacidades, e avaliar o que significam para a raça humana as nossas extraordinárias experiências ao longo dos últimos dez séculos. Se isso levar mais algumas pessoas a debater estas questões e, desse modo, a perceber algo sobre a natureza humana no longo prazo e a pensar como pode ser aplicada essa percepção ao futuro, este livro terá sido bem-sucedido.

Ian Mortimer
Moretonhampstead, Devon
Julho de 2014